

“Intimidação da Ucrânia não tem tido os resultados previstos por Moscovo”

Carlos Gaspar, especialista em Relações Internacionais, diz que as reivindicações russas “são manifestamente impossíveis de aceitar por Washington ou por Bruxelas”.

João Ruela Ribeiro | Público | 14 de Fevereiro de 2022, 19:58

O investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) Carlos Gaspar acredita que as sanções preparadas pelos Estados Unidos e os seus aliados serão “calibradas” mediante o nível de acção da Rússia na Ucrânia. O fim dos exercícios militares na Bielorrússia no próximo domingo, coincidentes com o fim dos Jogos Olímpicos de Pequim, marca um momento decisivo entre os defensores do recuo e os partidários da guerra na Rússia.

Está visto que nem os EUA nem a NATO vão aceitar aquelas que têm sido as exigências fundamentais da Rússia em relação à segurança europeia. O que pode, então, obter a Rússia da presente crise?

As reivindicações expressas pela Rússia nos documentos apresentados aos EUA e à NATO são manifestamente impossíveis de aceitar por Washington ou por Bruxelas. A Rússia não tem de obter nada como prémio pelo seu exercício de intimidação estratégica da Ucrânia que, aparentemente, não tem tido os resultados previstos por Moscovo. Nenhum analista sério, incluindo os analistas russos, reconhece a existência de qualquer ameaça credível da NATO à segurança estratégica da Rússia, que é uma das duas grandes potências nucleares.

Como tem avaliado a diferença de abordagens entre os EUA e os seus aliados (com muitas referências à possibilidade de uma invasão) e a Ucrânia (que tem mantido uma postura de maior tranquilidade)?

Os Estados Unidos não querem voltar a ser surpreendidos por uma intervenção da Rússia, como aconteceu com a invasão da Geórgia, em 2008, e com a invasão da Crimeia, em 2014. Nesse sentido, o Presidente Biden decidiu fazer como o Presidente Kennedy durante a crise dos mísseis de Cuba de 1962 e denunciar publicamente a crescente concentração dos meios militares da Rússia nas fronteiras com a Ucrânia, o que tem incomodado visivelmente as autoridades de Moscovo, onde ninguém se esqueceu do destino de [Nikita] Khrushchev. A prioridade do Presidente Zelenskii é manter a situação controlada na Ucrânia.

O que ganharia a Rússia com uma invasão convencional da Ucrânia?

Pode ganhar três coisas: em primeiro lugar, redefine a linha de demarcação entre o

espaço pós-soviético e a comunidade europeia; em segundo lugar, demonstra que a ordem liberal só existe numa parte do sistema internacional; e, em terceiro lugar, força o regresso da guerra à política internacional, o que valoriza as suas capacidades específicas como potência militar.

Acredita que a envergadura das sanções que estão planeadas pelos EUA e os seus aliados será a mesma se o tipo de acção da Rússia na Ucrânia for de menor intensidade?

As sanções dos EUA, do G7 e da União Europeia estão certamente calibradas para responder a cenários distintos.

A adopção efectiva dos Acordos de Minsk poderá ser uma saída para esta crise sem que a segurança europeia, em termos abrangentes, seja reequacionada?

Os protocolos de Minsk são um quadro possível para resolver a crise criada pela estratégia de coerção russa, se Moscovo quiser recuar e desistir dos seus objectivos expressos, que implicam o fim da Ucrânia como um Estado independente e a mudança da arquitectura de segurança que garantiu a paz europeia nos últimos 30 anos.

Os exercícios militares entre a Rússia e a Bielorrússia acabam a 20 de Fevereiro. O que se pode esperar após essa data?

Os Jogos Olímpicos de Pequim também acabam nessa data – a invasão da Geórgia em Agosto de 2008 coincidiu com a abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim – e não deve ser por acaso que as manobras militares na Bielorrússia foram marcadas para terminar na mesma data. Para os partidários da ofensiva russa, é o fim da contagem decrescente, para os partidários do recuo russo, é a oportunidade para iniciar a retirada das forças militares russas concentradas nas fronteiras da Ucrânia. Neste momento, é difícil saber qual dos dois partidos – o partido da guerra ou o partido realista – é o mais forte em Moscovo.

<https://www.publico.pt/2022/02/14/mundo/entrevista/intimidacao-ucrania-nao-resultados-previstos-moscovo-1995456>